

## A FRATERNIDADE É O BASTANTE?

**Hugo Allan MATOS.** Doutorando em Filosofia (UFABC), Mestre em Educação (UMESP), Pós-graduado em Filosofia e História Contemporânea (UMESP), Licenciado em Filosofia (UMESP) e Pedagogia (FPSJ). Pesquisador nos grupos de Pesquisa: Núcleo de Estudos em Religião, Educação e Sociedade (NERES-CNPQ) e vice-líder do Núcleo de Estudos em Filosofia (NEFIL-CNPQ).\*

### RESUMO

Parece consensual a irmandade em Cristo dentre os cristãos, o que justificaria por si uma fraternidade entre estes. Contudo, o Evangelho tem sua destinação não apenas à comunidade cristã, mas a toda humanidade. Assim, a questão da fraternidade coloca-nos uma dúvida e desafio: é possível estendê-la a toda humanidade, de forma aberta? É um desafio porque a própria origem da palavra sendo latina, a exclui da pertença ao Evangelho. Depois porque muitos usos atuais dela no meio cristão, de Papa Francisco, por exemplo, parecem trair esta origem e apontar a algo mais profundo e que aponta para outros conceitos. O objetivo deste texto é trazer esta reflexão, questionando-nos se a fraternidade é o bastante.

**Palavras-chave:** fraternidade, alteridade, abertura.

### ABSTRACT

It seems consensual among Christians that there is a brotherhood in Christ, which by itself would justify a fraternity among them. However, the Gospel is intended not only for the Christian community but for all humanity. Thus, the question of fraternity raises a doubt and a challenge: is it possible to extend it to all humanity, openly? It is a challenge because the very origin of the word, being Latin, excludes it from belonging to the Gospel. Additionally, many current uses of it in the Christian milieu, such as by Pope Francis, seem to betray this origin and point to something deeper and suggest other concepts. The aim of this text is to bring forth this reflection, questioning whether fraternity is enough.

**Keywords:** fraternity, otherness, openness.

### Introdução

Muito tem se falado sobre o resgate da fraternidade como um

---

\* Email: hugo.allan@gmail.com

caminho para a paz mundial. Entretanto, parecem faltar reflexões que possam bem explicar o que significa esta fraternidade, em detalhes, com profundidade, já que no senso comum esta palavra pode adquirir significados e sentidos diversos e até contraditórios entre si. Para fazer esta reflexão, com pretensão de profundidade conceitual partirei do livro bíblico do Evangelho de Mateus, 23, 8 e da Encíclica papal *Fratelli Tutti*, seguindo a uma reflexão que trará o filósofo lituano-judeu Emmanuel Lévinas e o argentino Enrique Dussel.

O objetivo será centrar-se na questão sobre se a fraternidade é o bastante para caminharmos para a paz mundial. Deixando de lado todas as profundas discussões teóricas que fazem estes autores, farei este recorte. O que já fica estabelecido que para uma visão mais aprofundada é fundamental a visita aos textos citados.

Vale ressaltar o esforço a uma linguagem objetiva e concisa, com o intuito de popularizar o debate mais do que a precisão teórica em torno da questão, fazendo assim que este seja um artigo autoral, com certa originalidade de leitura, mas com o objetivo principal de divulgar os debates aprofundados que fazem os dois citados autores, convidando a você leitora, leitor a lê-los também.

### **Do discipulado e irmandade com Jesus. Mt 23,8<sup>1</sup>**

O capítulo 23 do livro de Mateus está num contexto interno do livro bastante conflituoso. É antecedido pela “entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a purificação do templo” (Mt 21), confrontou fariseus e herodianos na questão do pagamento de impostos (Mt 22,15-22) e aos saduceus na questão da ressurreição (Mt 22,23-33). Quando interpelado sobre “o grande mandamento da Lei”: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” pelos fariseus, acrescenta-lhe o seu: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” e afirma que destes dependem toda a Lei e os Profetas (Mt 22,34-40). E para terminar o capítulo, Jesus interroga aos fariseus sobre o messias: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” e diante da resposta dos fariseus, afirmando que o messias seria da linhagem – filho - de Davi, Jesus lhes põe em dúvida, citando Davi chamando ao messias de Senhor e não de filho (Mt 22,41-46) e como Jesus chama a Deus de Pai...a conclusão lógica seria que Jesus é o Messias e este parece ser o objetivo do evangelista o de deixar evidente a intenção de que os fariseus podem ter pensado o mesmo.

No início do capítulo 23, Jesus confronta diretamente os fariseus e os escribas:

<sup>1</sup> Versão da Bíblia: Almeida, revista e atualizada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/mt/23> último acesso em abril 2024.

Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos: 2 Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. 3 Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem. 4 Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. 5 Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. 6 Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, 7 as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. 8 Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. 9 A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. 10 Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. 11 Mas o maior dentre vós será vosso servo. 12 Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

Este trecho é um ataque frontal de Jesus a algumas práticas dos fariseus e escribas, quais podemos resumir em: a) Querer parecer mais que os outros e serem chamados mestres; b) hipocrisia: pregar algo e não agir de acordo; c) Atar fardos pesados e difíceis de carregar, mas eles mesmos não serem capazes de carregar. Jesus mina não só a autoridade, mas a aparente importância destes e de todos que praticam mesmas obras, para o povo: “Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque só um é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.” (Mt 23,8), não parando por aqui, Jesus vai fundo, até o versículo 12, além da crítica há uma revelação implícita no versículo 8 que é tríplice: a igualdade total, inclusive de saberes entre todos, a filiação de Deus e, portanto, irmandade entre si, com o Cristo. Além disso, se o único Mestre é o messias, em Jesus, há um discipulado em comum entre seus irmãos seguidores.

## Todos irmãos<sup>2</sup>

Continuando então, a partir desta irmandade e filiação de Deus, prossigamos a reflexão. Inspirado em São Francisco de Assis, Papa Francisco escreve a Encíclica *Fratelli Tutti* (Todos Irmãos):

São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si».

Ao citar Francisco, o papa inicia sua Encíclica propondo uma forma de vida com sabor a Evangelho e convidando-nos a um amor que ultrapassa barreiras. De início podemos entender que ele está se referindo à fraternidade como este amor entre irmãos. Contudo, na segunda parte do mesmo parágrafo ele complementa, dizendo que Francisco de Assis: “Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.” Esta adjetivação do conceito de fraternidade ocorre em toda a Encíclica. Vamos ver alguns dos principais adjetivos e algumas significações e características que o papa dá à palavra fraternidade, para que possamos ao fim desta seção termos qual é o conceito de fraternidade que está presente na Encíclica *Fratelli Tutti*.

O sexto parágrafo da introdução despertou-me uma suspeita. Parece-me que o papa usou a palavra fraternidade, mas com a consciência que ela não basta. Qual foi o motivo que o fez, não irei aqui cogitar, não faço ideia, podem ser vários, inclusive teológicos e institucionais. Mas vamos nos ater ao texto, veja se você tem a mesma impressão:

6. As páginas seguintes não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos. Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se

<sup>2</sup> Todas as citações e referências à Encíclica neste texto foram retiradas da Encíclica online:

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html) último acesso em abril de 2024. Não farei a referência a cada citação, para não poluir visualmente o texto, mantereirei, contudo, a marcação do número do parágrafo para melhor localização.

limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade.

Sabemos que haveria complicações teológicas em igualar a toda humanidade, como fez Cristo. Mas o papa mantém a palavra e alerta que sua reflexão “detêm-se na sua dimensão universal, na abertura a todos.” E o restante do parágrafo corrobora esta impressão de que ele amplia a reflexão para além da palavra fraternidade. E no parágrafo 8, da mesma introdução, ele explicita seu objetivo na escrita: “Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos os irmãos.”.

No capítulo I, que o papa chama de “As sombras dum mundo fechado”, faz uma análise de conjuntura mundial, na qual aborda os temas: “sonhos desfeitos em pedaços”, “o fim da consciência histórica”, “sem um projeto para todos”, “o descarte mundial” “Direitos humanos não suficientemente universais” e no parágrafo 25 ao falar sobre “Conflito e medo” ele afirma que o julgamento sobre as guerras, atentados e perseguições por todos os motivos, submetem-se aos interesses fundamentalmente econômicos, ressalta que “o que é verdade quando convêm a uma pessoa poderosa, deixa de o ser quando já não a beneficia”. E citando sua mensagem para o 49º Dia Mundial da Paz<sup>3</sup>, volta a falar em uma Terceira Guerra Mundial em pedaços. E é então, que afirma:

26. Isto não surpreende, se atendermos à falta de horizontes capazes de nos fazer convergir para a unidade, pois em qualquer guerra o que acaba destruído é «o próprio projeto de fraternidade, inscrito na vocação da família humana», pelo que «toda a situação de ameaça alimenta a desconfiança e a retirada». Assim, o nosso mundo avança numa dicotomia sem sentido, pretendendo «garantir a estabilidade e a paz com base numa falsa segurança sustentada por uma mentalidade de medo e desconfiança».

Esta “dicotomia sem sentido” que o papa explica, para este nosso

<sup>3</sup> Mensagem para o 49º Dia Mundial da Paz de 2016 (8 de dezembro de 2015), 2: AAS 108 (2016), 49. Acesso em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20151208\\_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html) último acesso em abril de 2024.

exercício de reflexão podemos compreender como uma dicotomia que é um dos fundamentos da cultura grega, mas que segundo Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel, duram até hoje como um dos fundamentos principais da cultura dita ocidental: “a guerra é a origem de tudo”. Mas trataremos disso na próxima seção do texto. Importante notar, contudo, que a guerra – qualquer guerra - está sendo abordada pelo papa como algo que destrói o “projeto de fraternidade inscrito na vocação da família humana”.

Ao abordar “As pandemias e outros flagelos da história” papa Francisco nos recorda sobre de que forma este momento histórico da primeira pandemia mundial nos alertou sobre a fragilidade do Eu, dos projetos particulares, frente a eminência da irmandade humana. Além disso, afirma:

33. O mundo avançava implacavelmente para uma economia que, utilizando os progressos tecnológicos, procurava reduzir os «custos humanos»; e alguns pretendiam fazer-nos crer que era suficiente a liberdade de mercado para garantir tudo. Mas, o golpe duro e inesperado desta pandemia fora de controle obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns. (...) A tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência.

Para haver esta fraternidade como forma de vida a qual Papa Francisco nos convida, para participar dela é preciso repensar nossos estilos de vida, inclusive a forma como organizamos nossa sociedade, sua estrutura político-econômica, social e cultural. Ou seja, uma revolução. Entretanto, uma revolução que começa em cada pessoa que é capaz de rever seu estilo de vida, suas relações e assim, intervir na sociedade. Parece dificultoso quando o mundo atual apresenta “as sombras de um mundo fechado”, mas ao decorrer da Encíclica, o santo padre vai nos apontando caminhos a partir das críticas enfáticas que tece.

E no terceiro capítulo: “Pensar e gerar um mundo aberto”, começa afirmando:

87. O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude «a não ser no sincero dom de si mesmo» aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: «Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro». Isso explica por que ninguém

pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que «a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte».

É ressaltada na citação acima a noção de natureza humana como intersubjetiva e interdependente. Além disso, o valor de viver está em amar rostos concretos, de pessoas com as quais se relaciona fisicamente. Papa afirma isso após ter falado sobre a importância do ouvir verdadeiramente e o perigo das mídias sociais que em vez de colaborarem com nossa relação, acabam geralmente impedindo-a, nos tornando mais individualistas e isolados, o que nos causa diversas doenças. Outro ponto fundamental é a falta de comunicação consigo, que depende da comunicação com o outro. Há uma passagem que pelo amor, transpassa a solidão de um Eu, indo ao encontro do outro:

88. A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós «uma espécie de lei de “êxtase”: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser». Por isso, «o homem deve conseguir um dia partir de si mesmo, deixar de procurar apoio em si mesmo, deixar-se levar».

É então, a partir da verdadeira relação com o outro, o amor ao outro, como outro, independente de qualquer característica física ou psicológica, que nos é possibilitada esta passagem, este sair de si, esta fraternidade aberta a todos, inclusive para a prática das boas ações. (94)

Mas isso é fraternidade?

## **A Fraternidade em Emmanuel Lévinas**

Para fazer esta reflexão sobre o que é a fraternidade, quero convidar a você que siga comigo em um nível de profundidade que nos ajudará a compreender a complexidade deste tema. No espaço possível neste artigo, trarei apenas a síntese da discussão, de forma a permitir que compreendamos o que é a fraternidade trazendo trechos dos textos prenunciados de Emmanuel Lévinas e de Enrique Dussel. O texto escolhido de Emmanuel Lévinas é para ajudar-nos a pensar um pouco de como seria a construção de outra realidade, já que Papa Francisco nos pede isso. Para

o filósofo lituano-francês, é possível, entretanto precisaríamos romper com uma história milenar que construiu uma cultura – a nossa, ocidental – sob fundamentos de que o ser – das coisas - é mais ou menos, a representação do Ser, da essência. E esta essência, seja o Deus Uno de Platão, o primeiro motor de Aristóteles, o Deus das cristandades europeias<sup>4</sup> ou o Espírito Absoluto de Hegel é carregada de valores morais que moldam à realidade. E um destes valores é que “a guerra é origem de tudo”. Portanto, Lévinas afirma que esta história do Ser – ocidental – da ontologia, enquanto estudo da essência, precisa ser mudada para que consigamos mudar à realidade. Por exemplo, a lógica da identidade<sup>5</sup> de Aristóteles moldou todo o conhecimento ocidental produzido por mais de 2 mil anos, até que na contemporaneidade surgissem novas lógicas que pudessem nos ajudar a pensar de outras formas. Então, seu livro *De outro modo que ser*, para além da essência é, a meu ver, o livro mais apropriado do autor para o tema. E de Enrique Dussel, seu texto nomeado: *da Fraternidade à Solidariedade*, e justifica pelo próprio título. Importante comentar que este texto é uma interpretação da filosofia levinasiana e por isso não se bastaria por si, para atingirmos o nível de profundidade que aqui pretendo.

Emmanuel Lévinas, ao tratar sobre Essência e Desinteressamento, abre a questão sobre a responsabilidade por outrem. E um dos problemas levantados pelo autor é que “a subjetividade é precisamente o nó e o desatar – o nó ou o desatar – da essência e do outro da essência” (LÉVINAS, p.31) ou seja, a subjetividade estaria justamente na passagem da “realidade atual”, da forma de concepção de mundo sob o domínio do ser, para outra forma de concepção de mundo e realidade para além da essência. Aqui temos um tema fundamental, qual Papa Francisco não nos permite pensar na *Fratelli Tutti*. Para que compreendamos o que é fraternidade e se o que o papa deseja, podemos chamar de fraternidade é preciso que partamos do início. E o início, a meu ver é o resgate da subjetividade, que neste momento da história, por todos os problemas que o papa apresenta e tantos outros que sofremos cotidianamente, nossa subjetividade está sequestrada, capturada por tantas formas diferentes de tecnologias que, no entanto, desejam uma mesma coisa: nos submeter à

---

<sup>4</sup> Que não é o mesmo Deus das três religiões monoteístas da cultura semita. E dentro destas há diversas concepções sobre o Deus Uno também.

<sup>5</sup> Caso queira saber mais pesquise sobre os princípios de identidade, não contradição e terceiro excluído e veja como que a forma de pensar das culturas europeias foram se moldando desde a Antiguidade greco-romana, Idade Média e até hoje. Apesar de ainda hoje a lógica de Aristóteles ser hegemônica, temos novas formas de pensar, novas lógicas que permitem, por exemplo, a contradição no pensamento. Lévinas é um bom exemplo, cria uma forma de pensamento que é uma lógica da alteridade, mas também uma ética, política, estética, teoria do conhecimento etc.

lógica do mercado, do lucro. Infelizmente até as grandes narrativas utópicas do sec. XX, parecem ter se dobrado à esta lógica, caindo na pragmática e utilitarismo em detrimento dos princípios e ideologias. E mesmo estes princípios e ideologias, se conservados ou retomados, não nos ajudariam a superar o problema, já que estão também na lógica da essência, do ser.

Então, é necessário que consideremos isso para refletir sobre a fraternidade, já que podemos aferir que só é possível fraternidade entre duas ou mais pessoas que detêm sua subjetividade ou que ao menos, têm a consciência de que sua subjetividade está sequestrada. Assim, a consciência de que sua subjetividade está em risco ou tê-la em movimento de resgate é condição para a fraternidade.

Ainda sobre a subjetividade, é necessário (re)afirmar que além de sequestrada, ela é manipulada e transformada em identidade<sup>6</sup>. E como identidade é tecnicamente utilizada para projetos político-econômicos e ideológicos. Um destes projetos, poderíamos chamar de liberdade irresponsável. Lévinas (p.132) comenta sobre isso citando os pensadores Fink e Jeanne Delhomme, “que reivindicam, entre as condições do mundo, uma liberdade sem responsabilidade, uma liberdade de jogo” (ibidem). Podemos afirmar, a partir da reflexão que segue, que Sartre tenha chegado mais perto do que Lévinas concebe por liberdade, quando em seu texto O existencialismo é um humanismo, afirma que a cada ação pessoal, envolve a humanidade inteira, por mais privada que esta ação possa ser. Ou ainda ao afirmar que é o outro que determina minha liberdade e que sou responsável por ele. O pensador lituano entra em uma difícil radicalidade em seu texto que a poética de sua escrita nos convoca a uma profunda reflexão em nível que poucos pensadores, mesmo da literatura, conseguem alcançar. Ele nos chama a atenção para a relação que faz entre subjetividade, liberdade e responsabilidade, definindo esta responsabilidade pelo outro assim:

... uma responsabilidade que não assenta em qualquer compromisso livre. Responsabilidade cuja entrada no ser só se pode efectuar sem escolha. Sem escolha que só pode passar por violência a uma reflexão abusiva ou altiva e imprudente, porque ela precede o par liberdade/não-liberdade; mas é por isso mesmo que ele instaura uma vocação que vai para lá “do destino limitado — e egoísta — daquele que só é para si e que lava as suas mãos das faltas e das infelicidades que não começam na sua liberdade ou no seu presente. (ibidem)

<sup>6</sup> Tema que estou trabalhando em minha pesquisa de doutoramento em filosofia na Universidade Federal do ABC.

Poderíamos então apontar similaridades com o pensamento de Sartre, no que tange a uma liberdade nas escolhas, mas que anterior a esta condenação de ser livre, está uma responsabilidade, qual Sartre não aprofundou. Responsabilidade anterior a toda liberdade, vocação humana que impede o egoísmo de ser para si, que assume a infelicidade como parte da existência. Isso nos ajuda muito a pensar na condição humana neste século XXI. O egoísmo parece ter se tornado norma geral de existência, condição para a felicidade a qual todos somos convocados, a um estado de felicidade perene, que impossível de ser realizado, nos gera frustrações e doenças perenes, quais tentamos curar no ato de consumo. Sobre isso, vale trazer um trecho do famoso artigo do economista Victor Lebow, no qual sugere como salvação da economia capitalista a obsolescência programada, ou seja, que as coisas sejam feitas para estragar e pior: que nossa satisfação espiritual esteja na satisfação do ego, no ato do consumo:

A nossa economia enormemente produtiva exige que façamos do consumo o nosso modo de vida, que convertamos a compra e o uso de bens em rituais, que procuremos as nossas satisfações espirituais, as satisfações do nosso ego, no consumo. A medida do estatuto social, da aceitação social, do prestígio, encontra-se agora nos nossos padrões de consumo. O próprio significado e significado das nossas vidas hoje é expresso em termos consumistas. Quanto maiores são as pressões sobre o indivíduo para se adaptar a padrões sociais seguros e aceites, mais ele tende a expressar as suas aspirações e a sua individualidade em termos do que veste, conduz, come, da sua casa, do seu carro, do seu padrão de serviço alimentar, seus hobbies. Estas mercadorias e serviços devem ser oferecidos ao consumidor com especial urgência. Exigimos não apenas consumo de “tiragem forçada”, mas também consumo “caro”. Precisamos de coisas consumidas, queimadas, desgastadas, substituídas e descartadas a um ritmo cada vez maior. Precisamos que as pessoas comam, bebam, se vistam, andem, vivam, com consumos cada vez mais complicados e, portanto, cada vez mais caros. (LEBOW, 1955 tradução livre)<sup>7</sup>

Emmanuel Lévinas nos clama a perceber que é vocação humana a responsabilidade pelo outro. Mas o que percebemos em nossa sociedade atual, em geral, é um egoísmo radical, que ignora ao outro e busca no consumo a satisfação e felicidade. Entretanto, como afirmado, este modo de

<sup>7</sup> Você encontra este artigo completo em: <http://www.ablemesh.co.uk/PDFs/journal-of-retailing1955.pdf> último acesso: abril, 2024.

vida baseado no consumismo, está com seus dias contatos, pois ele não pode manter-se. Por diversos motivos. Seja os limites do Planeta, seja o limite humano. Estamos em um nível de exploração e infelicidade, doenças psicológicas e mal-estar civilizatório generalizados. Talvez, a resposta para estes problemas seja o que Lévinas está afirmando:

Instauração de um ser que não é para si, que é para todos - simultaneamente ser e desinteressamento; significando o para si consciência de si, o para todos, responsabilidade pelos outros, suporte do universo. **Esta forma de responder sem compromisso prévio - responsabilidade por outrem - é a própria fraternidade humana**, anterior à liberdade. O rosto do outro na proximidade - mais do que representação - é rasto irrepresentável, modo do Infinito. Não é porque entre os seres exista um Eu, ser que persegue fins, que o Ser ganha uma significação e se torna universo. É porque na aproximação se inscreve ou se escreve o rasto do Infinito - rasto de uma partida, mas rasto daquilo que, desmesurado, não entra no presente e inverte a arché em anarquia - que há desamparo de outrem, obsessão por ele, responsabilidade e Si. O não intercambiável por excelência, o Eu, o único, substitui-se aos outros. Nada é jogo. É assim que se transcende o ser. (LÉVINAS, p.132 destaque meu)

Agora talvez tenha ficado mais explícito o cerne de toda esta reflexão até aqui. Que uma pessoa tenha a consciência de si, não lhe obriga que viva para si. Mesmo com todos os recursos previamente apontados que quase instauram tal obrigatoriedade ou ditadura. Nossa vocação enquanto humanidade está em ser para todos, cada um de nós é responsável por toda a humanidade, mas imediatamente pelos outros. E esta responsabilidade não passa pela liberdade, é anterior a ela. Quando o rosto do outro – próximo – se apresenta ele nos explicita nossa vocação humana. O rosto nos clama uma resposta, podemos entendê-lo como a com-vocação ao Infinito. Para Lévinas, o Infinito é a exterioridade, a alteridade radical, aquilo que clama em nós um Desejo que só pode ser alimentado – mas nunca saciado - na relação de respeito à alteridade com o outro. E quanto mais o alimentamos, mais humanos nos tornamos, de forma que esta relação de responsabilidade e respeito à alteridade do outro é uma resposta ao Desejo do Infinito, alimentando-o, transcendo o eu – ego – e sou capaz de humanizar-me para além, tornando-me um Si, que se realiza no ser-para o outro – o próximo. E isso é a fraternidade, esta resposta que transcende qualquer egoísmo, que não é captável ou sequestrável por nenhuma armadilha de Estado, política econômica ou ideologia alguma. Esta fraternidade, tem sua própria economia, sua própria fundamentação,

anterior a qualquer ideologia. É a vocação humana.

Em dias em que as mídias vendidas como sociais nos distanciam das relações com o rosto, relações de alteridade é fundamental perceber a importância da proximidade enquanto condição de possibilidade para que a humanização ocorra. Se vivemos para o consumo e para consumir precisamos trabalhar e no trabalho nossas relações são de utilidade, são funcionais, geralmente não nos sobrando tempo para nutrir relações de amizade, de fraternidade, explicitar a proximidade como condição de humanização parece ser parte de minha responsabilidade pelo outro:

Proximidade - diferença que é não-indiferença, responsabilidade: resposta sem questão - imediatez da paz que me incumbe - significação de signo – humanidade do homem (...) passividade -da exposição — passividade ela mesma exposta — Dizer —, a proximidade não diz respeito nem à consciência nem ao compromisso entendido em termos de consciência ou de memória, ela não faz conjuntura nem sincronia. A proximidade é fraternidade antes da essência e antes da morte; tem um sentido apesar do ser e do nada, apesar do conceito. (LÉVINAS, p.155)

Esta fraternidade radical que Lévinas propõe retoma uma linguagem não verbal qual nós parecemos nos esquecer na vida cotidiana. Mas podemos aqui exemplificar um ato, nesta linguagem, quando nos fazemos presentes a uma pessoa, quando ela está em luto. Esta proximidade da presença no luto não precisa de palavras, grandes atos de carinho. É a presença desinteressada que se faz presente. É a minha resposta à responsabilidade com o outro, qual não exige de mim nada a mais que minha decisão – anterior a qualquer liberdade – de responder à vocação que me humaniza.

Esta proximidade do ser-para-o-outro é a lógica que desmente o ser-para-a-guerra. A tradição greco-romana-europeia quer nos fazer acreditar que cada um de nós é um indivíduo e que como tal, nossos interesses conflitam e, portanto, somos adversários e precisamos de um Estado que nos proteja de nós mesmos, com instituições que estejam prontas para instaurar uma justiça a partir desta diferença e conflito e nos proteger dos inimigos externos. A guerra é a origem de tudo, por isso a dialética – oposição dos contrários - é a única forma de acesso à verdade. Lévinas, a partir da tradição semita, está nos trazendo outra forma de interpretar à realidade, qual contradiz a esta que hoje é globalizada, funda os Estados e à política. Determina à justiça. A afirmação de que a vocação humana não é guerra, mas ser-para-o-outro instaura outra forma de pensar o Estado, a política, as instituições sociais, a justiça.

## A começar pela própria subjetividade:

...significação enquanto proximidade é, deste modo, o nascimento latente do sujeito. Nascimento latente, porque se encontra precisamente aquém da origem, aquém da iniciativa, aquém de um presente designável e assumível, mesmo que pela memória: nascimento anacrônico, anterior ao seu próprio presente, não-começo anarquia, nascimento latente - nunca presença; nascimento que exclui o presente da coincidência consigo, na medida em que está em contacto na sensibilidade, na vulnerabilidade, na exposição à ofensa do outro. Sujeito tanto mais responsável quanto mais responde, como se a distância entre ele e o outro aumentasse à medida que se encurta a proximidade. Nascimento latente do sujeito numa obrigação sem qualquer compromisso contraído; fraternidade ou cumplicidade para nada, mas tanto mais exigente quanto ela se estreita, sem finalidade nem fim. (LÉVINAS, p.155)

Esta subjetividade desinteressada, de uma sujeição que responde ao clamor do rosto do outro de forma espontânea e quanto mais responde, mais toma a consciência de que menos sabe, menos pode falar, menos...É uma resposta no mistério, que respeita ao outro como outro e ainda assim, joga-se na relação com o Infinito, não porque saiba que isso lhe humaniza, mas gratuitamente, desinteressadamente, sensível e vulneravelmente entrega-se à relação.

## Subjetividade que instaura a justiça:

Na proximidade mostra-se de imediato a justiça, nascida assim da significância da significação, do um-para-o-outro da significação. Quer isto dizer concreta ou empiricamente que a justiça não é uma legalidade que rege as massas humanas, da qual se extrai uma técnica de «equilíbrio social» harmonizador de forças antagonistas — o que seria uma justificação do Estado entregue às suas próprias necessidades. A justiça é impossível sem que aquele que a faz se encontre, ele próprio, na proximidade. A sua função não se limita à «função do juízo», à subsunção de casos particulares sob a regra geral. O juiz não é exterior ao conflito, a lei encontra-se, pelo contrário, no seio da proximidade. A justiça, a sociedade, o Estado e as suas instituições — as trocas e O trabalho compreendidos a partir da proximidade —, quer isto dizer que nada se subtrai ao controlo da responsabilidade do um para o outro. É importante encontrar todas estas formas a partir da proximidade onde o ser, a totalidade, o Estado, a política, as técnicas, o trabalho, estão a cada

momento em posição de ter o seu centro de gravitação em si, e a contarem por conta própria. (...) importa saber se o Estado igualitário e justo, no qual o homem se realiza (O qual há que instituir e, sobretudo, manter), procede de uma guerra de todos contra todos ou da responsabilidade irredutível de um por todos, e se ele pode prescindir de amizades e de rostos. (Ibid. p. 173-174)

Não sei a você, mas a mim me parece mais sensato e até racional conceber hoje, uma sociedade fundada sobre o ser-para-o-outro que a guerra de todos contra todos. Até aqui a história tem sido, segundo os europeus, a guerra de todos contra todos. Mas ao conhecermos outras culturas, sua história e pensamento, constantemente encontramos povos que viram a si mesmos de formas diferentes a esta. E alguns de formas muito próximas ao que nos traz Emmanuel Lévinas.

A fraternidade humana, nesta radicalidade da proximidade de ser-para-o-outro nos permite vislumbrar outra forma de concepção da cultura, da organização social, do Estado e político-econômica, tal qual nos pede Papa Francisco, na Fratelli Tutti. Entretanto, ainda não respondi nossa questão inicial: a fraternidade, mesmo esta radical, basta?

### **Da Fraternidade à Solidariedade**

Agora que profundamos com Emmanuel Lévinas o conceito de fraternidade que poderia corresponder ao que nos pede Papa Francisco, em profundidade, podemos dar um passo a mais para responder nossa questão central: basta a fraternidade? Em outras palavras, mesmo de forma aprofundada, este conceito de fraternidade nos basta para expressar o que nos pedem Papa Francisco e o Evangelho?

Com Enrique Dussel podemos responder nossa questão principal deste texto. O filósofo argentino faz uma reflexão sobre o tema, a partir da filosofia de Lévinas, tornando-a fundamental para uma de suas principais obras: Política da Libertação.

Podemos aprender com Dussel que a fraternidade tem seu fundamento:

A fraternidade (de la phratría) se funda em uma “igualdade de nacimiento” (isogonía), por “igualdade de natureza” (katá phúsin) o que determina a “igualdade segundo a lei” (isonomía katà nómon). A philía da indicada isonomía é a amizade política, a fraternidad, que se liga à demokratía.

(DUSSEL,2016, p. 180 tradução livre<sup>8</sup>)

Podemos perceber assim que a fraternidade se assenta em uma igualdade qual em América Latina é muito rara, já que as desigualdades culturais, sociais e político-econômicas são acentuadas e não há igualdade de nascimento, igualdade perante a lei etc. especialmente quando consideramos o machismo, o racismo, o etnocentrismo, por exemplo. Neste sentido a fraternidade como amizade política, ligada à democracia, também fica muito restritiva já que são poucas as pessoas que conseguem usufruir de alguma democracia, se a entendermos como participação política real, nas tomadas de decisões e não apenas a participação com o voto. E lembremo-nos que mesmo esta foi muito tardia em nossos Estados latino-americanos. Assim, não seria exagerar se afirmarmos que a grande maioria das pessoas não participam desta amizade política, já que, no caso do Brasil, por exemplo, pessoas negras, indígenas e mulheres sequer têm as condições de possibilidade para a participação política garantidas. Precisam, em geral, lutar pela sobrevivência, para não morrer, desviando diariamente da morte:

Tenta-se afirmar a vida, mas sempre através do desvio da morte, não sendo possível construir as categorias a partir dessa categoria fundamental (o poder da comunidade como potência da vida, afirmativamente). A fraternidade torna-se impossível como ponto de partida. O ponto de partida é a inimizade, pois é "dessa possibilidade extrema [amizade versus inimizade] que a vida do ser humano adquire sua tensão especificamente política". A política deriva seu conceito dessa tensão entre a vida e a morte, entre a amizade e a inimizade. A fraternidade só cumpre o primeiro momento, mas não o segundo, como uma tensão sempre perigosa diante da morte, que como uma espada de Dâmocles constitui o campo político (moderno) como tal. (Ibid., p.182)

A política moderna está assentada sob a figura abstrata do indivíduo. Em sua forma de estruturação, desde os fundamentos do Estado até a forma de concepção de relações entre as instituições e a sociedade civil e da sociedade civil entre si, o indivíduo egoísta e egocêntrico é a representação da natureza humana. Grande parte do pensamento moderno estruturante deste modelo de sociedade se baseia nisso. É neste sentido que Dussel afirma que é a amizade – de uns poucos – versus a inimizade –

---

<sup>8</sup> Todas as citações realizadas aqui do livro de Dussel, são traduções livres, realizadas por mim. O Livro base é: Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad. 2016. Apesar de Dussel trabalhar este capítulo e tema em outras obras também.

contra muitos – que compõe uma tensão permanente na política moderna. Existem pessoas privilegiadas, quais participam de uma “amizade de classe”, uma amizade política, como preconizou o lema da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Desde a sua concepção, mais ainda em sua prática, nunca foi para todas as pessoas. Porque há amigos e inimigos internos e externos. A concepção burguesa de política, assim como sua base, o indivíduo, se assentam sob o princípio de que “a guerra é a origem de tudo”. Não faz sentido nesta tradição afirmar qualquer fraternidade como querem o Papa ou Emmanuel Lévinas: fraternidade entre todas as pessoas, aberta. O máximo da sofisticação política moderna neste sentido diferencia o antagonista político do inimigo:

Discernir entre o "antagonista político" e o "inimigo total" é ser capaz de distinguir entre o político (antagonismo fraterno) e o militar (pura "hostilidade"). O político se manifesta dentro da fraternidade em tensão antagônica, dentro da fraternidade que impede o assassinato, o que significa a disciplina de saber exercer a isonomia. Mas é preciso mais drama do que a referência despolitizada a um sistema frio de leis que deve ser cumprido externa e legalmente. Por essa razão, o mero "estado de direito" liberal pode ser posto em questão a partir do estado de exceção: assim, a vontade mostra-se mais uma vez anterior à lei. (Ibid. pág. 185)

A fraternidade ganha um contorno de tolerância, próximo ao que a burguesia aceitou no período pré-revolucionário e depois de realizada sua Revolução Francesa, com ajuda de seus antagonistas fraternos, lhes assassinaram, por temer que pudessem tornar-se seus inimigos.

A questão é colocada, em seu fundamento, no fato de que a fraternidade na comunidade política é atravessada por uma contradição que a fratura: a linha passa entre amigo e inimigo. Não é o inimigo total, o hostil; é apenas o inimicus no sentido público (a estâsis grega) dentro do todo da comunidade, da fraternidade. Mas essa fraternidade fragmentada, além disso e efetivamente, é falo-logo-cêntrica, já que não é sororidade (irmandade com a irmã) mas fratrokracia patriarcal. (Ibid. pág. 187)

Hoje, ao trabalharmos com teorias decoloniais, emancipatórias, de libertação... não raramente encontramos seus autores e autoras envolvidos em relações fraternas neste sentido que Dussel aponta, numa fraternidade patriarcal e falo-logo-cêntrica, mesmo que pretenda combater a estas estruturas de domínio e opressão. Muitas vezes, por não ter as condições de possibilidade de bem compreendê-las, senti-las. O falo-logo-centrismo é um dos fundamentos mais caros à sociedade moderna, patriarcal, que se

impõe pela força. O elemento fálico está nesta imposição, que fundamenta este modo de ser das culturas indo-europeias há milhares de anos. A razão do logos grego, é a ontologia, a pretensão de compreender o ser das coisas. E o centrismo cultural, desde Atenas, passando por Roma, Cristandades Medievais e especialmente na modernidade eurocêntrica este mesmo modelo de razão se impõe, pela dialética, oposição de contrários, ser-não ser:

La guerra (Pólemos) es el origen de todo” expresaba Heráclito.<sup>9</sup> ¿Cómo habría de poder determinarse el ser si no contara con el “opuesto” originario; el no-ser? La amistad es impensable para la ontología sin la enemistad. Esto explicaría perfectamente la posición helénica, e igualmente la de Carl Schmitt (p.189)

Carl Schmitt é considerado como o pai da política moderna mais aplicada atualmente, especialmente no neoliberalismo. A antagonização amigo-inimigo é sua principal característica. Esta forma política se popularizou tanto e ganhou tanta aderência que não raramente hoje encontramos um materialismo histórico, ou outras ideologias que apesar de pretensamente libertadoras, aplicam a mesma lógica das opressões que dizem combater. A violência da guerra é a manutenção do Mesmo. Da mesma lógica, da mesma forma, ainda que mude seu conteúdo. É por isso que Lévinas e Dussel afirmam que na tradição ocidental, de Heráclito a Hegel, a dialética é a única forma de acesso à verdade, pois ao manter a dialética enquanto método de compreensão da realidade, a oposição dos contrários, o princípio polemos, fica garantido. E assim se perpetua a tradição ocidental. Até que no século XX esta tradição foi criticada por diversidades metodológicas que, questionando à dialética como única possibilidade, passam a criar e utilizar outras formas de interpretação e acesso à realidade. São outras formas. Como é outra forma a tradição semita em relação à indo europeia-greco-romana-europeia-cristã-moderna. E é só na tradição semita que faz sentido perguntar-se sobre quem é o próximo do qual fala a milenar tradição judaico-cristã. Quem é teu próximo?

O "próximo" de que fala o texto citado é aquele que se revela em "proximidade" (face a face, em hebraico: ( פנים אל פנים panim el panim), isto é, o imediato, o não mediado, como na nudez do contato erótico do "boca-a-boca": "Deixa-me beijar (ישקני) com beijos (פניקות) de sua boca". Essa experiência de "subjetividade-para-subjetividade", de viver a corporeidade "pele-a-pele", como categoria

<sup>9</sup> Dussel cita Fragmento 53. H. Diels (ed.), Die Fragmente der Vorsokratiker, vol. 1, Berlín, Weidmannsche Verlagsbuchandlung, 1964, p. 162.

filosófica original, não existe no pensamento greco-romano ou moderno. No midrash do fundador do cristianismo, chamado pela tradição de "Bom Samaritano", ele é chamado de "bom" porque estabelece com os roubados, feridos e abandonados fora do caminho (fora da Totalidade ontológica<sup>10</sup>) tal experiência face a face. Para o samaritano, o "próximo" é aquele jogado para fora do caminho, para a exterioridade: o Outro. E devemos notar que os samaritanos eram os "inimigos" da tribo de Judá. (Ibid. p.191)

Uma fraternidade aberta, entre todos, só é possível desde a cultura semita. É por isso que Jesus Cristo funda uma nova humanidade e se coloca como o exemplar "verdade, caminho e vida". Sua mensagem de um mundo mais justo e solidário, qual perpassou as cristandades medievais europeias e chegou até nós, a construção do Reino de Deus, só é possível a partir de uma tradição que possibilita a proximidade, entre todas as pessoas, inclusive e principalmente desde as que estão exteriores, excluídas:

"Quem é o meu próximo?" (Lucas 10:25-37), que poderia ser melhor traduzido como "Quem é que confronta o Outro face-a-face?" ou ainda: "Quem estabelece a relação sujeito-sujeito como proximidade?" Ao que ele pergunta, esse sutil conhecedor metódico de categorias ético-racionais críticas, responde, estruturando uma narrativa com intenção pedagógica, na qual consiste na história de um relato sociopolítico. (Ibid., pág. 192)

A pergunta "quem é meu próximo?" é fundamental no pensamento cristão, já que a razão de minha existência é o serviço ao Outro, qual eu cumpro, servindo ao próximo. (cf. Mt 25: 35-40) A este serviço ao Outro (Abodah) é a solidariedade:

A defesa do indefeso, por solidariedade, deixa o "guardião" do órfão como responsável perante o tribunal do sistema e como aquele que ocupa o lugar da vítima (por substituição) em sua defesa (do órfão); é o seu testemunho (μάρτυς): dá testemunho da inocência do

---

<sup>10</sup> Esta categoria de totalidade ontológica na história da filosofia ocidental é radicalmente criticada por Dussel e Lévinas. A pretensão de compreensão do ser das coisas permite que pensadores afirmem ter compreendido a totalidade de algo ou algo em totalidade. Mas, para o pensamento de alteridade, de libertação, esta pretensão não passa disso: pretensão demasiada, já que o mistério é fundamental para reconhecermos as limitações humanas. Nada é compreendido em sua totalidade pelo ser humano, mais ainda a expressão do Ser na história.

Outro. Os antigos inimigos do líder solidário não são mais seus inimigos, seus antigos amigos no sistema (quando exploravam os pobres, os órfãos e a viúva na fraternidade), agora são seus novos inimigos. Agora, seus novos amigos foram conquistados por um novo tipo de amizade: a solidariedade com o Outro, com os oprimidos, com os excluídos (Ibid. p. 201)

Inverte-se a lógica, e no respeito e compromisso à alteridade, aqueles que eram inimigos do sistema, agora são amigos e o contrário também ocorre. A solidariedade rompe à Totalidade do sistema do Mesmo, da Ontologia e traz a novidade histórica, a vivacidade. Se na totalidade há o infanticídio que mata a infância e faz das crianças miniadultos, na solidariedade, as crianças têm seu lugar garantido. E a mesma lógica ocorre com os jovens, com os idosos, com pessoas negras, LGBTQIAP+, mulheres...É a partir da exterioridade que se funda a Nova Ordem, a revolução. Todos que são negados em um determinado sistema, clamam sua inclusão e respeito. Mas a solidariedade, não apenas inclui, destituindo o outro de sua alteridade, que não cabem no atual sistema, mas é a partir de sua alteridade, motivo de sua exclusão é que respeitando-a, o serviço ao Outro – solidariedade – cria instituições, novas leis, novos fluxos culturais e político-econômicos para o fundamento de uma Nova ordem. E por este motivo que é revolucionária, porque altera estruturalmente a ordem atual, formando uma outra. Que por nossas imperfeições tenderá à novas totalidades, que precisam, contudo, estar abertas à alteridade efetuando constantemente o mesmo movimento de abertura e respeito à alteridade.

...os pobres, os explorados, os excluídos sustentam o sistema desde baixo. São eles que, se se retirassem, quebrariam o sistema. São os inimigos radicais do sistema na exterioridade alterativa. Agora, aquele que negou a inimizade de seus antigos inimigos, exclama: "Inimigos? [dos dominadores talvez, mas, para as vítimas, entre eles] não há inimigos!" Os explorados e excluídos, que no início eram inimigos, agora não são inimigos: a abertura da solidariedade ao Outro substitui a velha inimizade por uma amizade alterativa: a solidariedade. (p.202)

A solidariedade mobiliza os que são oprimidos, explorados, cativos, dentro do sistema atual a colocarem-se a serviço uns dos outros, mas junto àqueles e aquelas que são exteriores, que estão fora do sistema. E constrói-se o consenso dos excluídos, formando um bloco entre quem mantém o sistema atual – como oprimidos – e quem está excluído, exterior ao sistema e possui, por esta condição, elementos que podem transformar a realidade atual em outra mais justa e solidária.

O "consenso dos excluídos" é a "sabedoria" como exterioridade (*lógos, dabar*). Quando esse consenso crítico – que deslegitima o "estado de direito", que como *vontade* dos oprimidos (em "estado de rebelião") põe em xeque o próprio "estado de exceção" de Carl Schmitt – rompe *criticamente* com o atual sistema de dominação, a "palavra se faz carne" (entra na *totalidade*, na *carne*, desconstruindo o sistema de dominação). O *meshiakh* de Benjamin agora justifica com uma sabedoria anti-sistêmica ("loucura" da *totalidade*), contra a "sabedoria dos sábios", seus antigos *amigos*, a práxis libertadora dos *inimigos* do sistema, que não são mais os *inimigos* do *meshiakh* (p.206)

Assim, penso ser plenamente possível afirmar que a partir da irmandade com Cristo, fundada dentre outras fontes, em Mt 23, 8, nos colocamos em posição de serviço uns aos outros, orientando nossa própria subjetividade à solidariedade especialmente com quem está excluído, exterior ao sistema vigente. E a partir de um consenso, no qual todos são discípulos, aprendizes, rompemos à totalidade e fundamos uma nova ordem. Aqueles que se fazem messias, se fazendo discípulos e discipulas de Cristo, obedecendo e dando testemunho, colocam-se em serviço solidário a quem estava excluído, exterior, inimigo do sistema e é a partir da irmandade solidária, não mais da fraternidade, que é possível romper à ordem atual e criar outra mais justa, solidária.

Papa Francisco, como pastor, teólogo pastoral, chama de fraternidade. Mas as características que usa para descrevê-la em seu papado, o testemunho que ele mesmo dá em irmandade, são de serviço ao Outro, são de solidariedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Revista e Atualizada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/mt/23> . Acesso em: abr. 2024

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur**. Descolonización y Transmodernidad. México: Akal / Interpares, 2016.

FRANCISCO. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html) . Acesso em: junho, 2024.

LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser**: ou para lá da essência. Trad. José Luiz Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

\_\_\_\_\_. **Autrement qu'être ou au-dela de l'essence.** Paris: Kluwer Academic, 1991.

\_\_\_\_\_. **Entre Nós:** ensaios sobre a alteridade. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do outro homem.** 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e Infinito:** ensaio sobre a exterioridade. 4ª edição. Lisboa: Edições 70, 2012.